



ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DO LEITOR CONSCIENTE A PARTIR DA CORRELAÇÃO ENTRE MAPAS FÍSICOS E POLÍTICOS DO BRASIL

Autora: Natália Farias de Barros

Orientadora: Josandra Araújo Barreto de Melo

Universidade Estadual da Paraíba

nataliafariasbarros@hotmail.com ajosandra@yahoo.com.br

RESUMO: O trabalho com a cartografia, que representa a linguagem da ciência geográfica, é essencial tanto pelo seu papel desenvolvido na sociedade ao longo dos anos, como pela sua relevância para a educação de nível médio. Diante desta realidade, o objetivo desta pesquisa é investigar de que forma os bolsistas do PIBID/UEPB do curso de Geografia, podem instigar, a partir das intervenções e/ou colaborações nas aulas do professor supervisor, os alunos do ensino médio a realizarem leituras críticas, a partir da correlação entre os mapas físicos e políticos do Brasil. Para o desenvolvimento de nosso trabalho, tivemos como suporte epistemológico Almeida (2001), Damiani (2001), Simielli (2001), Vesentini (2001) e Gil (2008). Nossa pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de Campina Grande, tendo como participante uma turma do segundo ano do ensino médio, com aproximadamente dezesseis alunos. Os resultados obtidos, após aplicação de planos de aula cuidadosamente elaborados, tendo como base a realidade dos referidos alunos, sinalizam uma postura de leitura mais participativa e crítica entre os alunos.

Palavras-chave: Formação Docente Inicial, Geografia, Mapas, Leitura Crítica.

INTRODUÇÃO

Os documentos oficiais e pesquisas sobre o ensino de Geografia apontam para a importância de uma prática docente voltada para o auxílio da formação do sujeito crítico. A cartografia se posiciona de maneira importante para a construção desse cidadão. Essa importância vem desde os primórdios, quando o homem utilizava-se dessa linguagem (cartográfica) para se localizar no espaço. Deste modo, a mesma possui uma importância histórica no desenvolvimento do homem em



sociedade.

Hoje, a cartografia assume variadas acepções, as quais ajudam o ser humano a viver e conviver de maneira harmônica com o meio em que está inserido. O trabalho nesta área tem a vertente da importância histórica, mas também tem a importância curricular, já que nos objetivos a serem desenvolvidos no ensino médio faz-se presente a relevância do domínio da linguagem cartográfica, dentre outras linguagens. Nessa perspectiva, estudos teóricos sinalizam sobre a relevância de se trabalhar a linguagem cartográfica de maneira que possa conduzir o aluno a desenvolver suas capacidades críticas.

O trabalho com a cartografia, que representa a linguagem da ciência geográfica, é essencial tanto pelo seu papel desenvolvido na sociedade ao longo dos anos, como pela sua relevância para a educação de nível médio. Com base nesta perspectiva, percebeu-se a importância de se trabalhar com esta temática, tendo em vista as perspectivas de construção de um cidadão consciente, tão frisadas na sociedade atual e também por parte das exigências curriculares.

Diante desta realidade, acredita-se que é perceptível, no âmbito educacional, que um cidadão consciente e crítico, do meio em que vive, não é formado por meios tradicionais de educação, mas por métodos que façam esse indivíduo olhar de uma nova maneira, ou seja, por um novo prisma, a realidade em que está inserido.

Mediante o exposto, no contexto das ações desenvolvidas na E.E.E.F.M. São Sebastião, contemplada no Subprojeto de Geografia – PIBID/CAPES/UEPB, o objetivo desta pesquisa é investigar de que forma os bolsistas de tal programa podem instigar, a partir das intervenções e/ou colaborações nas aulas do professor supervisor, os alunos do ensino básico a realizarem leituras críticas, a partir da correlação entre os mapas físicos e políticos do Brasil. Nossa escolha por trabalhar este tema deve-se ao fato de que o referido assunto estava sendo discutido pelo professor da disciplina juntamente com os alunos e também pela necessidade da formação do aluno crítico.



2 METODOLOGIA

O presente trabalho classifica-se como um estudo de caso, visto que investiga a realidade de uma sala de aula específica (GIL, 2008). A turma foco da pesquisa tem aproximadamente 18 alunos, e corresponde a série do 2º ano do Ensino Médio da E.E.E.F.M. São Sebastião, integrante da rede pública de ensino da cidade de Campina Grande.

Após um período de observação da turma, e em conformidade com os conteúdos incluídos no currículo desta série, buscou-se trabalhar os domínios morfoclimáticos brasileiros, fazendo uso dos seguintes materiais didáticos: mapas, slides e charges como textos complementares de leitura crítica.

Para a aplicação dos recursos metodológicos foi-se necessário aliar o conteúdo a ser trabalhado (domínios morfoclimáticos) à realidade dos alunos, para que assim eles pudessem compreender de maneira mais clara o assunto trabalhado, como também compreenderem o contexto social em que eles estão envolvidos, desta forma podendo atuar no âmbito social, como a autora Damiani (2001), nos cita que se conhecermos o nosso espaço podemos compreender as relações das quais somos sujeitos e estamos sujeitos. Conforme o exposto, percebe-se a importância de incluir o trabalho com mapas, para assim, possibilitar uma leitura mais ampla do contexto em que os educando estavam inseridos de modo a guiá-los a uma leitura consciente de mapas, como Almeida (2001) nos propõe.

As aulas de aplicação do projeto de intervenção e/ou colaboração ocorrem no turno vespertino, nos últimos horários, mais especificamente nas terças-feiras (sexta aula) e nas quintas-feiras (quinta e sexta aulas). Devido a esta realidade e considerando que a escola não dispõe de materiais outros, como por exemplo, computadores servíveis, fez-se necessário aplicar recursos que se aplicassem à esta realidade.

Outra questão preponderante para que o projeto buscasse atingir o objetivo proposto desta pesquisa, foi aplicar uma metodologia que proporcionasse ao professor em formação inicial a apresentação e discussão do conteúdo indicado de forma dinâmica, tendo como preocupação



constante atender as necessidades contextualizadas dos alunos. Para que esta prática se efetivasse, nos baseamos em Almeida (2001) e Simielli (2001).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visando alcançar nosso objetivo, que procura investigar de que forma o professor em formação inicial pode conduzir o aluno de Geografia a realizar leituras críticas, a partir da correlação entre os mapas físicos e políticos, este tópico encontra-se dividido em dois momentos: o planejamento das aulas e a implementação do projeto de intervenção e/ou colaboração.

3.1 Planejamento das Aulas

A partir das participações da bolsista como observadora da prática do professor da disciplina na turma em que vem sendo efetivada a pesquisa, pôde-se analisar as necessidades dos educandos em relação ao ensino de Geografia. Os principais pontos diagnosticados foram: a falta de interesse para com a disciplina, a pouca participação em sala, assim como grande número de faltas sem uma justificativa plausível. Outro fator que possibilitou a melhor compreensão do perfil da turma foi a aplicação de um questionário que sinalizou as opiniões dos alunos sobre as lacunas que permeavam o ensino de Geografia em sala de aula. Deste modo, o questionário indicou novamente os pontos já identificados como problemas para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia no Ensino Médio. Em paralelo a tais constatações, foram sendo desenvolvidas leituras teóricas que deram base epistemológica para que se pudesse reverter a realidade de tal ensino, ou seja, colaborar com o processo de ensino e aprendizagem na área de ensino de Geografia.

Na busca da compreensão acerca do objetivo do ensino do mapa faz-se necessário concebê-los como um meio de comunicação espacial (OLIVEIRA, 2007, p. 16). Essa autora também explicita que os mapas assumem um “lugar de destaque na Geografia, porque são, ao mesmo tempo, instrumentos de trabalho, registro e armazenamento de informação, além de um modo de expressão e comunicação, uma linguagem gráfica”. Desta forma, se faz evidente que se formos estudar o

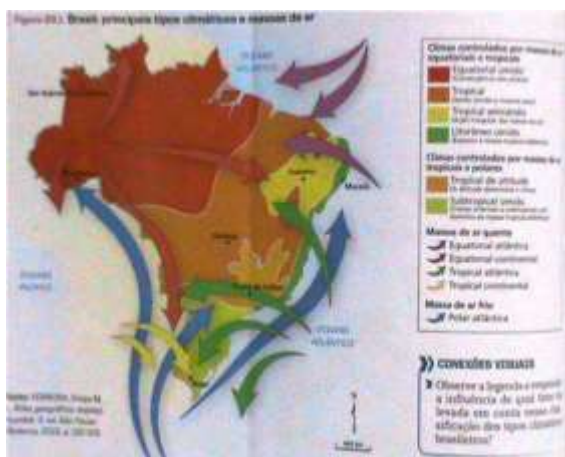
Espaço, necessitamos de uma linguagem que nos ajude a compreender o mesmo, e uma dessas possibilidades é a linguagem cartográfica voltada ao conteúdo dos domínios morfoclimáticos.

Tendo em vista o valor que o mapa exerce na ciência geográfica, é necessário que o educador esteja preparado para trabalhar com tal linguagem, assim como consciente de que tipo de trabalho realizará com o mesmo, como esta autora nos indica que “O valor do mapa está naquilo que o professor se propõe a fazer com ele” (*op. cit.*, p. 23), ou seja, analisar para qual vertente o professor vai conduzir essa linguagem, de uma maneira que colabore para o processo de aprendizagem dos discentes.

Deste modo, a bolsista selecionou o trabalho com os mapas voltando-se a perspectiva de aprimorar o senso crítico dos alunos participantes do projeto para, desta forma, os mesmos desenvolverem análises sobre o espaço em que vivem, assim atuando cada vez mais de uma maneira significativa no ambiente social em que estão inseridos. Considerando-se tal perspectiva, Vesentini (2001, p. 24) apresenta a vertente de um verdadeiro educador como aquele que contribui para “autonomia, criatividade e senso crítico” do educando.

A aliança entre a teoria e realidade dos educandos também foi uma questão bastante visada, pois é essa conexão que proporciona um processo de aprendizagem mais significativo e relevante, ou seja, que desperta o interesse do aluno. Assim, esta ligação entre o espaço estudado e o vivido se correlaciona para a melhor compreensão do tema a ser estudando, como cita Damiani (2001, p. 50) “conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito”.

Diante de tais concepções adquiridas, a bolsista elaborou as aulas tendo como base o conteúdo sobre *domínios morfoclimáticos*. Para o desenvolvimento de atividades foram utilizados os mapas físicos de clima, relevo e vegetação (como exemplificação, vide mapas 1 e 2), e em paralelo o tema acerca da questão hídrica no Nordeste, fazendo ponte com o clima desta região, assim como a biopirataria restringindo ao Brasil e depois a sua recorrência no bioma da Caatinga, que é predominante na região Nordeste. Mediante o exposto, essa união entre o espaço estudado e o espaço vivido é fundamental para uma prática significativa no contexto geográfico.



Mapa 1: Climas do Brasil e Massas de ar



Mapa 2: Domínios Morfoclimáticos do Brasil

3.2 Implementação do projeto de intervenção e/ou colaboração

Neste subtópico, realizamos a análise de três aulas em que houve intervenção pela pibidiana, com a orientação da coordenadora de área e do supervisor do subprojeto PIBID/CAPES/UEPB Geografia, tendo como base os estudos teóricos indicados no subitem anterior e a realidade da turma.

As duas primeiras aulas tiveram como objetivo a revisão e discussão dos climas do Brasil. Para o início da primeira aula, a bolsista apresentou o desenvolvimento histórico da cartografia para que os alunos pudessem ter um conhecimento prévio sobre o que seria trabalhado em sala de aula. Como resultado, observou-se a participação questionadora e o interesse dos alunos frente ao assunto exposto. Em seguida, foi aplicada a revisão sobre climas do Brasil. Para tal atividade, utilizou-se tanto slides, que continham os tipos de climas brasileiros, quanto mapas representando os climas e os domínios morfoclimáticos distribuídos neste país.

Observa-se que neste momento de revisão, a bolsista abriu espaço para que os alunos se posicionassem refletindo sobre o tema em pauta. Percebe-se também que, por ela ter trazido um



material diferenciado, os alunos demonstraram interesse em dar suas respectivas contribuições para que o momento de revisão alcançasse o seu objetivo.

Na sequência, foi aplicada uma atividade para que os alunos realizassem em casa. Tal atividade objetivava requisitar dos alunos uma pesquisa para que eles correlacionassem os climas estudados com as atividades econômicas desenvolvidas nas cinco regiões brasileiras. Um dos motivos que levou a bolsista a sugerir esta tarefa, remete ao fato de que, a próxima aula tinha como objetivo a discussão de tais assuntos.

A terceira aula teve início com a correção da atividade de pesquisa através da leitura e discussão das respostas trazidas por cada um. Neste momento, estimulou-se as discussões críticas, mediante as capacidades de correlação dos climas e das atividades econômicas, assim percebendo-se que o homem se utiliza das propriedades físicas que a natureza oferece para convertê-las em suprir as suas necessidades. No entanto, outra análise crítica foi analisada, a partir das reflexões sobre representantes políticos, e os descasos dos mesmos para com a questão hídrica no Nordeste, pois os alunos perceberam que os governantes poderiam procurar desenvolver atividades econômicas as quais visassem a utilização das matérias-primas que esta região pode nos oferecer.

Deste modo, a terceira aula se encerrou com uma discussão proveitosa sobre os climas e o desenvolvimento econômico das cinco regiões brasileiras a partir desta contribuição climática, e obteve-se um bom resultado das discussões e das capacidades críticas dos alunos, que podem-se ser cada vez mais estimuladas através dos professor em formação, com a colaboração do professor supervisor e coordenadora, a partir da produção de metodologias que atendam às necessidades enfrentadas pelos educandos.

4 CONCLUSÃO

Objetivamos com esta pesquisa investigar de que forma o professor em formação inicial pode conduzir o aluno de Geografia a realizar leituras críticas a partir da cartografia, relacionando mapas físicos e políticos. Com base na análise dos nossos dados constatou-se que: (i) os estudos



teóricos foram de suma importância para nortear a produção das atividades propostas em sala de aula, ou seja, para que fosse possível aplicar da melhor maneira as metodologias necessárias, assim como identificar, mediante observações em sala, quais metodologias devem ser usadas, sempre visando o meio onde os alunos estão inseridos, assim como o público alvo a ser trabalhado; (ii) as intervenções realizadas foram bem aceitas pelos alunos e eficazes para o processo de ensino-aprendizagem, tendo uma maior participação dos discentes referente às discussões sobre o ensino da cartografia e, como consequência, uma maior frequência nas aulas desta disciplina.

Assim, tendo como base os avanços até então alcançados, pretendemos ampliá-los para que possamos avançar diante de reflexões mais profundas contribuindo para que os alunos possam ter autonomia de conceber visões e ideias que possam ser significativas em suas vidas, como também em seus ambientes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. 9ªed. **O ESPAÇO GEOGRÁFICO ENSINO E REPRESENTAÇÃO**: a importância da leitura de mapas o domínio espacial no contexto escolar propostas de atividades. São Paulo: Contexto, 2001

DAMIANI, Améli Luisa. 3ª ed. Educação Geografia e a Construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.) **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007

VESENTINI, José William. 3ª ed. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001.